



A PEDAGOGIA DAS CONCHAS: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO A PARTIR DE GASTON BACHELARD¹³⁴

William Gustavo Machado*

DOI: <https://doi.org/10.52521/poly.v17i2.13199>

Resumo: Este artigo se trata de uma investigação na filosofia de Gaston Bachelard. Adotou-se a abordagem fenomenológica e hermenêutica inspirada no próprio filósofo a fim de amplificar a específica imagem da *concha*. Uma vez que Bachelard nos expõe a concha como uma imagem primordial, a qual pode nos inspirar a inúmeras multiplicações poéticas, tal imagem nos serve em educação à medida que se refere a um recorte específico: o mistério da formação humana. Tendo isso em nosso horizonte, objetivou-se contribuir à área da educação abrindo-nos à investigação poética do tipo bachelardiana para impulsionar ainda mais pesquisas acerca do problema da formação na perspectiva do *novo espírito estético*, isto é, a partir da ruptura da filosofia contemporânea com a filosofia moderna. Concluiu-se que, além da própria abordagem metodológica escolhida poder proporcionar as amplificações simbólicas e poéticas tal como se objetivou, a própria imagem da concha se demonstrou como uma *imagem pedagógica completa*, nos propiciando pensar a formação tanto no que diz respeito à sua direção de proteção psíquica quanto à de desenvolvimento psíquico.

Palavras-chave: Gaston Bachelard. Imaginário. Formação. Filosofia da Educação.

LA PÉDAGOGIE DES COQUILLES: CONTRIBUTIONS A L'ÉDUCATION A PARTIR DE GASTON BACHELARD

Résumé: Cet article est une enquête sur la philosophie de Gaston Bachelard. Une approche phénoménologique et herméneutique inspirée du philosophe lui-même a été adoptée afin d'amplifier l'image spécifique de la *coquille*. Puisque Bachelard nous expose à la coquille comme une image primordiale, qui peut nous inspirer d'innombrables multiplications poétiques, cette image nous sert en éducation car elle renvoie à un aspect spécifique: le mystère de la formation humaine. Avec cela à l'horizon, l'objectif était de contribuer au domaine de l'éducation en nous ouvrant à l'investigation poétique de type bachelardien pour promouvoir encore plus de recherches sur le problème de la formation dans la perspective du *nouvel esprit esthétique*, c'est-à-dire de la rupture de la philosophie contemporaine avec la philosophie moderne. Il a été conclu que, outre le fait que l'approche méthodologique choisie soit en mesure de fournir les amplifications symboliques et poétiques souhaitées, l'image de la coquille elle-même s'est révélée comme une *image*

¹³⁴Este artigo foi produzido a partir de um capítulo de minha dissertação de mestrado, intitulada *A Poética da Formação: Bachelard e a Educação*, defendida em 2023 na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

* Graduado em Filosofia (Bacharel) pelo Centro Universitário Internacional Uninter, Mestre em Educação pela UCS e Doutorando em Educação pela UCS. Bolsista PROSUC/CAPES. Músico e Professor de Música. E-mail: wgmachado1991@gmail.com.



pédagogique complète, permettant de penser la formation tant au niveau de son orientation de protection psychique en termes de développement psychique.

Mots clés: Gaston Bachelard. Imaginaire. Formation. Philosophie de l'Éducation.

INTRODUÇÃO

A filosofia de Gaston Bachelard é normalmente dividida por dois momentos, os quais eram considerados como movimentos antagônicos pelo francês. No entanto, pode-se perceber um fio que perpassa toda a sua produção, o qual foi muito bem percebido por Michel Fabre (1994): Bachelard pode ser visto como um *filósofo da formação*.

Pois bem, não é disso que o filósofo tratou na maior parte da sua epistemologia, a *formação* do espírito científico? A sua *filosofia do não* se apresenta como a *formação* desse caráter da sociedade contemporânea. O *novo espírito científico*, como nos dizia Bachelard, é o espírito da constante recusa da aceitação do dado. Para se fazer ciência é preciso um *não* inicial, de modo que nos afaste das imagens primeiras, dos erros primeiros, os ratificando, de modo que faça com que possamos ir além, até para não ficarmos “inventando a roda” de tempos em tempos (Maranhão de Conti, 2023).

Por outro lado, a filosofia da imaginação bachelardiana, apesar da sua intensa abertura na filosofia para o campo do imaginário, pode ser vista também como uma investigação da formação humana. Bachelard, ao se ocupar da imaginação, acaba por descer aos níveis mais íntimos de nossa constituição psíquica. É interessante, inclusive, o caminho cronológico que este faz através de suas obras: da epistemologia, passa para a psicanálise dos conhecimentos científicos, recorre à metafísica dos quatro elementos (ainda de caráter aristotélico) e chega ao minúsculo poder de de-formação de imagens. A imaginação, tal como Bachelard aborda, é responsável por nossa construção antropológica (subjetividade), no seio de uma cultura, em diálogo com as suas produções imaginárias (intersubjetividade), assim como traz à consciência o pensamento (anterioridade ontológica da imagem em relação ao conceito), a própria percepção sensorial (a imaginação a prepara, a *sensualiza* nos diz o filósofo) e a percepção cinestésica (o que mais tarde será aprofundado e revisto pelo antropólogo Gilbert Durand).



Através dessas direções, portanto, Bachelard investiga a formação humana. Não a formação clássica, que busca pela *essência* e, no máximo, filosofa *com* as superficiais representações. Mas a formação já em consonância com a filosofia contemporânea, *a posteriori*, com o mundo, com o corpo, com o outro¹³⁵.

Aqui faremos uma incursão em apenas um aspecto, em uma única imagem: a concha. Fizemos uma investigação já em minha dissertação de mestrado. Trata-se, dessa forma, de um extrato amplificado do que já tem um considerável andamento. Apresentaremos em um primeiro momento a nossa abordagem, a nossa fundamentação teórico-metodológica, visto que a enxergamos como fundamental para uma aproximação com a nossa construção textual. Trata-se de uma apresentação da nossa abordagem fenomenológica e hermenêutica (instauradora), fundamentada no próprio Bachelard, seguida de uma explanação de alguns dos pressupostos da filosofia da imaginação de Bachelard. Tal abordagem tem a sua relevância na medida em que coaduna com os novos rumos da filosofia contemporânea, após os movimentos de ruptura com as filosofias representacionistas.

A fenomenologia procura se desvencilhar dos pressupostos metafísicos em que as filosofias anteriores se ocuparam. A sua (pre)ocupação está mais voltada para os fenômenos descritos, com uma clara e intencional participação dos sujeitos da pesquisa. Dessa forma, através dessa *abordagem* não se quer colocar o *método* como garantidor de resultados. Se antes *o método* era central, como o fez a filosofia da ciência cartesiana, agora desloca-se para o que vem *após*, para as justificativas, para os argumentos em si, deixando assumidas margens para (in)finitas possibilidades investigativas.

Por sua vez, a hermenêutica vem de um lugar em que precisou constantemente se reformular. Aqui é relevante olhar brevemente o seu desenvolvimento: de área de interpretação de textos religiosos, passa para a “interpretação de textos jurídicos e em seguida para a interpretação de textos literários. É somente com a modernidade que ela se assume como uma ‘ciência geral da interpretação’” (Miranda, 2016, p. 23). Contudo,

¹³⁵Em minha dissertação de mestrado defendi o posicionamento da filosofia (da imaginação) de Bachelard já na ruptura paradigmática da filosofia contemporânea para com a filosofia moderna (a metafísica da consciência).



no século XX ela assumiria um caráter ainda mais abrangente, como com a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer.

Porém, antes ainda, a abordagem intuitiva de Bachelard acerca da questão poética, caracterizada por interpretações únicas em filosofia, fizeram com que se pudesse extrair relevantes contribuições para uma hermenêutica das imagens poéticas e simbólicas. Vale dizer, toda vida, que a hermenêutica não é questão central em Bachelard. São seus investigadores que notarão a sua abordagem hermenêutica ímpar na história da filosofia. Já, nós, a herdamos e a assumimos, como uma também *abordagem metodológica*, em par com a fenomenologia, formando algo como que *entre*, uma *fenomenologia-hermenêutica*, tal como Bachelard mesmo fazia.

Após essa apresentação de nosso referencial metodológico, entraremos na filosofia da imaginação de Bachelard, a qual igualmente ocupa um lugar ímpar na história da filosofia. O francês pode ser considerado um dos pioneiros, afinal, nos estudos do imaginário, principalmente na perspectiva aqui adotada, em consonância com os novos valores, do *novo espírito científico*. Pode-se dizer ainda, sendo mais fiel ao filósofo, que com a filosofia da imaginação se inaugura um *novo espírito estético*, uma vez que se estaria em um outro terreno, o das imagens e não o terreno dos conceitos.

Esse novo rumo que Bachelard abriu proporcionou inúmeros caminhos que mais tarde foram seguidos por outros estudiosos. As investigações que se seguiram, da antropologia do imaginário, mitanálises, mitocríticas, mitohermenêuticas ou a própria psicologia analítica e a arteterapia, são alguns dos campos e métodos que de alguma forma devem a Bachelard as suas bases. A relevância de Bachelard na filosofia, portanto, vai muito além das suas já conhecidas contribuições em epistemologia. À Bachelard, filosofias e ciências do imaginário hoje são devedoras. Daí também a importância de (re)visitar as obras de investigação da formação poética do humano do filósofo e poeta francês.

Em seguida, então, faremos a nossa incursão propriamente dita no interior da imagem bachelardiana da concha. Promovendo e abrindo tanto as imagens já exploradas pelo filósofo da imaginação, como novas possibilidades de criação de imagens poéticas.



Pretendeu-se, dessa forma, com essa pesquisa, seguir o rumo da investigação bachelardiana, amplificando as próprias imagens poéticas já exploradas. Uma vez que entendemos que a abordagem fenomenológico-hermenêutica de Bachelard não procura reduzir as imagens do imaginário, mas, pelo contrário, *instaurar novos sentidos*, adotamos como nossa a (ousada) abordagem para ainda *ainda mais sentidos*.

[...] os estudos do imaginário iniciados com Gaston Bachelard e Gilbert Durand (2004) permitem o que se chamam de hermenêuticas instauradoras. Ou seja, em oposição as hermenêuticas redutoras, o símbolo faz a mediação entre o ser humano e o mundo que o cerca, isso já havia sido preconizado por Bachelard em sua noção de fenomenologia da imaginação, no qual o inconsciente tem papel criador da realidade e é abandonada a noção de intencionalidade (Kafure da Rocha, 2023, p. 78).

Se o francês deixou pontas soltas para pesquisas posteriores, aqui as seguimos, aqui, aliás, as multiplicamos, formamos ainda mais pontas soltas, para nos servirem de *novas imagens indutoras de imaginação*. Logo, alinhados ainda ao que Michel Fabre assinalou a respeito de Bachelard, como um *filósofo da formação*, podemos dizer que a presente pesquisa procurou responder a seguinte questão: que contribuições à *educação*, enquanto processo formativo, a imagem bachelardiana da concha poderia produzir?

FENOMENOLOGIA E HERMENÊUTICA EM BACHELARD

Não adentraremos demais na temática da fenomenologia. Primeiro, por não ser a questão central deste trabalho, depois, por saber que existem outros pesquisadores que já o fazem com excelência (e estes nos servem de referência) e ainda para não sobrecarregar a leitura deste trabalho. Por ora, seguiremos apenas com algumas aproximações de base.

Por óbvio, a fenomenologia trata-se de um estudo dos fenômenos, de como estes se apresentam à consciência. Todavia, algumas precauções são necessárias para nos auxiliar no entendimento deste termo. Podemos começar dizendo que a fenomenologia não chega a ser um método no rigor do termo. Ela se aproxima mais de uma abordagem: a *abordagem fenomenológica*. As suas características explicarão, talvez, o motivo dessa diferença.



Segundo o professor David Cerbone (2014, p. 13),

[...] focar nossa atenção não tanto no que experienciamos lá fora no mundo, mas na nossa experiência do mundo, é dar o primeiro passo na prática da fenomenologia. A palavra “fenomenologia” significa o “estudo dos fenômenos”, onde a noção de um fenômeno e a noção de experiência, de um modo geral, coincidem.

Com a fenomenologia não se tem, portanto, definições claras. O que se faz com ela são aproximações, descrições dos nossos objetos, *com* nossos objetos. Pois aqui não há uma separação tão nítida entre a consciência e o objeto. Na verdade, eles quase se confundem, de modo que toda consciência é *consciência de* alguma coisa.

Nesse bojo, uma das suas características mais marcantes será a da *intencionalidade*. Alguns a demarcaram como o estudo da intencionalidade, inclusive, como nos recorda o professor Cerbone (2014, p. 15). Porém, como abordaremos aqui, com Bachelard, tal característica nos colocaria em um paradoxo. Vejamos: um estudo fenomenológico tem a ver com uma tomada de *consciência de algo*. Com Husserl essa tomada de consciência se dá por meio de uma atividade intelectual, isto é, *intencional*. Já com Bachelard, a tomada de consciência de um fenômeno (da imaginação) quase prescindem da intencionalidade, visto que se nós nos colocarmos em um momento imaginativo com um objetivo *a priori*, corremos o risco de já não imaginar, de não encontrar as mais sinceras imagens produzidas. Estaríamos dessa maneira *racionalizando a imagem*, o que impossibilitaria o estudo bachelardiano. Eis o paradoxo: nunca seria hora de fazer fenomenologia se fôssemos tentar penetrar no âmago das imagens poéticas. Mas cá estamos.

[...] compreende-se de imediato quão complexos e móveis serão os debates entre uma psicologia do devaneio, apoiada em observações sobre sonhadores, e uma fenomenologia das imagens criantes, fenomenologia que tende a restituir, mesmo num leitor modesto, a ação inovadora da linguagem poética. De um modo mais geral, compreende-se também todo o interesse que há, acreditamos nós, em determinar uma fenomenologia do imaginário onde a imaginação é colocada no seu lugar, no primeiro lugar, como princípio de excitação direta do devir psíquico. A imaginação tenta um futuro. A princípio ela é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades (Bachelard, 2009, p. 9).



A fenomenologia é, portanto, vista e usada de outra forma por Bachelard. Para este, ela se trata de uma verdadeira *Escola de Ingenuidade*. Trata-se de uma *suspensão* que não tem um *a priori*. A fenomenologia bachelardiana *deixa vir o imaginado*, sem racionalizá-lo. A *descrição fenomenológica*, como conceberam os fenomenólogos, adquire um caráter ainda mais íntimo, mais possivelmente poético, mais *ingênuo*. Por conta disso, Bachelard aproxima a fenomenologia do próprio modo de fazer poesia. Esta não se faz pensando em outras coisas. É preciso um tipo de “contenção do espírito”, para lembrar o fenomenólogo Jean-Paul Sartre. Mas uma “contenção” não da ingenuidade, em prol de virtuosismo intelectual. Uma contenção da própria intelectualidade. Assim como não se lê poesia pensando em outra coisa, como diz Bachelard, não se faz fenomenologia da imaginação pensando em outras relações, em levar as imagens contempladas a outro nível. Se faz fenomenologia tal como crianças brincam: ingênuas e entregues ao momento poético da criação das imagens, *com o corpo, com o mundo e com a imaginação*.

O termo fenomenologia para Bachelard tem um sentido próprio, porque esse não se insere diretamente na tradição fenomenológica dos herdeiros de Husserl, nem utiliza o vocabulário fenomenológico. Da fenomenologia, Bachelard mantém a ideia de estudar as imagens poéticas por si mesmas no momento que emergem na consciência, porém resiste a qualquer intelectualização das imagens, oriunda da análise fenomenológica. (Rodrigues, 2005, p. 60).

Esse uso alternativo da fenomenologia forjado por Bachelard, o torna uma peculiaridade na filosofia. Michel Fabre argumenta ser justamente essa despreocupação com a tradição filosófica, tanto na filosofia da ciência quanto na filosofia do imaginário, o que o torna um *filósofo da formação*, na sua lenta ruptura com “tribunal da razão filosófica”, isto é, com as filosofias essencialistas ou representacionistas. Bachelard se interessa menos em prestar contas do que alçar verdadeiras experiências com o pensamento, seja na ciência, seja na poesia.

A fenomenologia da imaginação de Bachelard, ao propor um outro modo de receber e deformar, isto é, imaginar imagens, na sua atribuição poética, abre uma outra característica à filosofia do imaginário: uma abordagem hermenêutica instauradora de sentidos.



Nós temos o direito de sonhar. Esse sonho significa que devemos procurar uma contínua autossuperação, quer dizer, há possibilidade de um progresso infinito, inacabado que torne complementares ciência e poesia. Ou seja, essa busca de complementaridade entre ciência e poesia é que nos leva a ver que a hermenêutica de Bachelard é uma teoria que busca esclarecer o significado da vida humana através do exame crítico da evolução histórica das ciências e da constituição de uma poética e de uma ética. (Marcondes César, 2021, p. 2).

Enquanto que com Freud, apesar da sua “descoberta do inconsciente” e, conseqüentemente, das imagens, estas últimas ainda não terão a sua liberdade reconquistada. Gilbert Durand (1995, p. 39) verá na abordagem freudiana das imagens uma hermenêutica ainda *reducionista*, o que podemos notar pelos seus resquícios ainda positivistas-cartesianos ao fragmentar para analisar e depois conduzir todos os complexos (imagéticos) ao seu grande tema: a libido sexual. Por outro lado, Durand classificará a abordagem de Bachelard quanto as imagens como *instaurativa*, pois o seu modo de trabalhar com elas não encontra um final único, uma resposta, mas as utiliza de modo a amplificar quaisquer possibilidades de sentido que possam emergir *a partir delas*. Essa característica estaria ainda em consonância com a abordagem (também instaurativa) do psicólogo Carl G. Jung (Durand, 1993, p. 56) , o qual irá justamente romper com Freud no decurso de suas pesquisas, forjando uma outra psicologia, a *psicologia analítica – a psicologia das profundezas*, como diria Bachelard.

[...] ele [Bachelard] acolheu na Sorbonne o pessoal da linha freudiana, da psicanálise ortodoxa. Depois disso ele rompe, em 1947 com a psicanálise ortodoxa porque conhece a obra do Jung que fala de uma dimensão muito mais ampla, a terapia não é simplesmente eliminar o problema da repressão da sexualidade que é o problema do Freud, quer dizer, liberar as pessoas, mas é muito mais do que isso. Em Jung já aparecia a ideia de inconsciente coletivo, de uma exploração de possibilidades, tanto da razão quanto da emoção, Animus e Anima. Uma estrutura muito mais complexa do que Freud estava propondo (Marcondes César, 2021, p. 1).

Pois bem, essas características da pesquisa de Bachelard, como bem nota Michel Fabre (1994, p. 12), são mais do que “sonhar imagens! Ele nos dá um método de leitura”. Talvez esse “modo de leitura” seja o que nos serve de mola propulsora para outros modos de escrita, outros modos de pesquisa. Na produção acadêmica a partir de Bachelard, aliás, é comum encontrar outros estilos, que fogem a padrões, que colocam



outros *adornos*. E esse *talvez* é o que nos faz situar essa pesquisa no *entre* da fenomenologia e da hermenêutica, tal como a professora Sônia Mattos nos alertara na sua arguição como banca examinadora da minha dissertação de mestrado.

A FILOSOFIA DA IMAGINAÇÃO

Como já bem se sabe, a imaginação recebe uma atenção especial na obra noturna de Gaston Bachelard. Mas o que faz com que se possa afirmar ela como uma filosofia é o que pode ficar como questão para quem olha mais de fora, digamos assim. De início, podemos dizer que é o seu deslocamento ontológico da imaginação o que está no cerne dessa questão. A imaginação, com Bachelard, não será mais apenas uma *faculdade* qualquer, a ser ou não desenvolvida, tal como uma habilidade *a posteriori*. A imaginação com Bachelard está na germinação do próprio psiquismo. Não há psiquismo sem imaginação.

A faculdade de formar e, mais importante ainda, *deformar* imagens é um princípio vital em Bachelard. Não um princípio no sentido da metafísica tradicional. Um princípio mais corpóreo, biológico, *antropológico*. Ela, a imaginação, é o elo das intimações biopsíquicas do sujeito com as forças do meio (social e geográfico). Vejamos o que nos diz o professor Gabriel Kafure da Rocha a respeito do *devaneio*, atividade por excelência da imaginação para Bachelard:

Bachelard diz que o devaneio é uma forma de “*rêverie*” (sonhar acordado), capaz de acessar a nossa relação com o mundo e com nós mesmos, momento no qual deformamos a realidade por meio das percepções que formamos de nós mesmos e do mundo. O devanear permite que as pessoas explorem seus pensamentos e sentimentos de forma livre e sem julgamentos; e que isso é fundamental para compreender a relação entre o indivíduo e o mundo. (Kafure da Rocha; Teixeira Farias, 2023, p. 130).

Bachelard operará essa virada *antropológica* no trato de como a filosofia vê as imagens da humanidade. Aquilo que Gilbert Durand fará mais tarde em sua obra mais famosa, *As estruturas antropológicas do imaginário*, publicada em 1960, (ex)(des)estruturando o imaginário, para lembrar o belo título de um artigo da professora Maria Aparecida Nogueira (1993), será devedor do que seu mestre Bachelard iniciara ainda nos anos de 1940.



Gilbert Durand notará alguns dos traços da própria psicologia de Bachelard nas suas investigações (Durand, 2002, p. 36). Todavia, não seria por menos, afinal a sua metodologia pedia justamente por essa entrega primordial, e isso também não diminui o tamanho e a profundidade de sua obra. Dessa forma, algumas de suas investigações poderão/deverão ser (re)vistas mais tarde nas suas justas miudezas psicanalíticas, as quais revelarão um traço esquizóide, como bem notara Michel Serres¹³⁶ (Vieira, 2009, p. 10).

Bachelard irá abrir, portanto, uma área investigativa nova para a filosofia, com novas possibilidades metodológicas, com novos pressupostos, com novos referenciais. A poesia, com ele, não será mais vista como apenas “fugas de realidade”, assim como não será reduzida a utilitarismos pré-concebidos. Essa operação de Bachelard com a poesia, de não a instrumentalizar e ao mesmo tempo a tornar fonte de investigações filosóficas, é o que abrirá a filosofia aos estudos do imaginário, à *Filosofia do Imaginário*. É claro que se tem investigações anteriores que inspiraram o filósofo francês, tal como o próprio *Romantismo Alemão*, contudo a mudança de postura, o deslocamento de uma filosofia essencialista (como o romantismo) para uma filosofia que coloca a metafísica *a posteriori* – traço característico da filosofia contemporânea – é o que dará ainda mais importância à obra bachelardiana.

As investigações posteriores a respeito do imaginário, como as que envolvem o símbolo, as imagens, a imaginação, o mito, as fantasias, as poesias, entre outras, terão mais ou menos uma ligação com o filósofo francês. Pesquisadores como Mircea Eliade, Carl Gustav Jung e Gilbert Durand eram membros do Círculo de Eranos, onde estavam também Niels Bohr, Erwin Schrödinger e Rudolf Otto, cientistas renomados de outras áreas. Essa influência mútua é notável na interdisciplinaridade das pesquisas do imaginário e podem ser muito atribuídas também às pesquisas de Bachelard, o qual, como já trazemos aqui, era um entusiasta tanto da *ciência* como da *poesia*, tanto da *epistemologia* quanto do *imaginário*.

¹³⁶Destaca Vieira (2009, p. 10): “Dentre as posições com as quais nos deparamos, se destaca a de Michel Serres. O filósofo critica Bachelard, orientador de sua tese de doutorado, por reconhecer em sua filosofia uma espécie de esquizofrenia, já que por um lado, encontramos uma vertente epistemológica de onde emergem os conceitos e a racionalidade e por outro, se impõe o reino dos devaneios e da imaginação poética”.



Não queremos defender que Bachelard foi a única grande chave para essa virada, obviamente. Queremos é apenas elucidar a importante participação do filósofo nesse movimento, o qual pôde, enfim, restituir um caráter mais sério às investigações do imaginário, em todas as suas múltiplas manifestações, mais ou menos claras.

A PEDAGOGIA DAS CONCHAS

“É por todas essas razões semânticas e o seu prolongamento semiológico e matemático que a forma helicoidal da concha do caracol terrestre ou marinho constitui um glifo universal da temporalidade, da permanência do ser através das flutuações da mudança.”

(Gilbert Durand, 2002, p. 314).

Na filosofia noturna de Bachelard encontramos incontáveis possibilidades *pedagógicas*, de modo que apresentamos o filósofo francês como um *filósofo da formação*. Eis que para nós, a educação, enquanto processo formativo, é íntima da sua filosofia poética. Em minha defesa de mestrado dissertei sobre algumas dessas possibilidades, entre elas a que aqui apresento: a *pedagogia das conchas*.

Para o filósofo “o primeiro trabalho da vida é fazer conchas”. Essa imagem pode ser vista e amplificada de várias maneiras (tal como sugere a própria abordagem hermenêutica de Bachelard). Aqui a olharemos para essa *ontogênese laboral* que Bachelard apresenta. Michel Fabre (1994, p. 14) nos dirá que em Bachelard “a formação é, então, indissociavelmente trabalho sobre o objeto e trabalho sobre si”. Pois bem, se a formação é um trabalho, se o primeiro deles é a construção de conchas e se acreditamos que a formação humana é um processo permanente, podemos facilmente chegar a construção permanente de conchas em nossas vidas. Naquilo que primeiro trabalhamos, na construção de conchas, reside um primeiro modo de ser no mundo. Não há conchas *a priori* para vestirmos. Nós as *fazemos*, adequando-as ao nosso corpo, físico e imaginário – essa distinção entre corpo físico e corpo imaginário que aqui fizemos assume uma função meramente didática no presente texto, visto que para nós essa separação



(cartesiana) é fruto justamente de uma imaginação específica, a saber, a de estrutura esquizóide, dualista.

Trabalhamos na construção de nossas conchas desde os nossos primeiros anos. E percebamos que são *conchas*, no plural, pois não se trata de apenas uma. Assim como os moluscos mudam as suas conchas ao longo da vida, nós também o fazemos. E, ainda, a nível imaginário, onde o princípio do terceiro excluído não reina, várias conchas se sobrepõem em nossa constituição psíquica. Vejamos o que nos diz Bachelard (2003, p. 15):

A insígnia dos objetos habitados poderia ser: “Tudo é concha”. E o ser sonhador faria eco: “Tudo me é concha. Sou a matéria mole que vem procurar proteção em todas as formas duras, que vem, no interior de todo objeto, usufruir a consciência de estar protegido”.

Ao habitar o mundo, habitamos mundos. Habitamos objetos, nos habitamos por meio de diversas extensões de nós mesmos. No reino do imaginário, moramos naquilo que verdadeiramente amamos.

[...] mesmo os seres vivos mais primários têm sempre uma casca/ninho/casa. Relembrando que o caramujo se abriga em sua concha e cresce com ela numa grande espiral natural, podemos representar que, na natureza humana, o resultado dessa relação entre a natureza e a linguagem, casas, indivíduos e sociedade é a cultura. (Kafure da Rocha, 2023, p. 15).

O resultado pode ser visto como a formação do *espaço simbólico*. Este, o espaço, forma *a priori* do imaginário (Durand, 2002, p. 398), da morada, dos objetos em que moramos, se forma, portanto, em nossa imaginação como uma segurança primordial. É por isso que os objetos amados nos remetem a uma sensação ímpar de nos sentirmos em casa, sempre em casa. A formação das conchas é, assim, a formação de nossas proteções psíquicas. Sigamos agora amplificando ainda mais outras características dessa imagem para termos uma aproximação mais minuciosa dessa.

Para Bachelard (1957, p. 134), “a vida começa menos lançando-se para frente do que girando sobre si mesma”. Os gestos repetitivos são aqui lembrados. Assim como o próprio princípio do *eterno retorno*. De-formamos nosso(s) espaço(s) os repetindo, dando-nos assim a segurança de que falávamos nos parágrafos anteriores através do gesto cíclico, o qual nos proporciona um certo tipo de *poder*, de poder *contra* a



fugacidade do devir temporal. Afinal, como nos diz Bachelard (1957, p. 36), “o espaço contém o tempo comprimido. O espaço serve para isso”.

Repetimo-nos no tempo, de-formamos o nosso espaço simbólico. E assim, *escondemo-nos*. Trata-se de uma *economia do ser*: “esconder é uma função primária da vida. É uma necessidade ligada à economia, à constituição das reservas” (Bachelard, 2003, p. 9). São nossas reservas de energia, nossos segredos vitais, nossas economias íntimas. Formamos nossas conchas, nossos espaços de intimidade através de um princípio rítmico, para só depois nos fazermos heróis, desbravadores, exploradores do mundo. A vida começa, assim, formando-se como uma proteção primária.

Bachelard recorrerá a inúmeras imagens poéticas e simbólicas para falar dessa construção primária, como a concha, o ninho e a gruta. Mais tarde se referirá à mais racionalizada dessas imagens, não no sentido leviano ou pejorativo que se pode ter do termo racional nesse âmbito imagético. Mas do *racional* no sentido da imagem mais próxima da nossa humanidade, isto é, da *casa*. Logicamente chegaríamos a essa imagem, afinal abordamos a formação das conchas como a formação de uma morada no mundo. Da imagem poética:

A imagem poética apodera-se do entusiasmo criador do saber imaginário e da experiência devaneante individual não só para descrever o sensível poetizado, mas para, de certo modo, ultrapassar o mundo percebido, realizando uma metamorfose no cosmo e no homem que sonha. (Bernardes; Cunha, 2021, p. 97)

O que nos interessa aqui é essa transcendência do percebido, que vai encontrar a própria *formação simbólica do espaço* em nossa constituição psíquica. Enquanto a filosofia percorrer o tempo como forma *a priori* do simbolismo humano (vide Bergson), Bachelard irá propor o espaço como tal, principalmente em sua obra *La poétique de l'espace* (de 1957). O que reverberará consideravelmente nos estudos posteriores acerca do imaginário tal como mencionamos no capítulo anterior.

O espaço, a concha e a casa, são imagens *princeps* da constituição da intimidade, da subjetividade (Marandola Jr.; Batista, 2023; Nunes Alves, 2023). *Imagens motor*. Ou, ainda, *arquétipos* por onde formamos a nossa proteção primária, a nossa intimidade. Notemos como essa característica é vista por um outro fenomenólogo ainda:



O homem não chega ao mundo vindo de um espaço intersideral onde já se possuiria e a partir do qual teria, a todo o momento, de recomeçar uma perigosa aterragem. Mas não se encontra nele brutalmente arrojado e abandonado. Simultaneamente fora e dentro, vai para fora a partir de uma intimidade. Por outro lado, a intimidade abre-se dentro de uma casa, que se situa nesse fora. A morada, como edifício, pertence de facto a um mundo de objectos. [...] Concretamente, a morada não se situa no mundo objectivo, mas o mundo objectivo situa-se em relação à minha morada (Lévinas, 1988, p. 136).

O preenchimento real do arquétipo da morada abre a intimidade. Forja no ser uma *vontade de habitar*, ativa a *função de habitar*. Assim como não nascemos de um *a priori* essencialista o qual apenas nos caberia “descobrir”, também não nascemos completamente atirados ao mundo. A mesma observação feita por Lévinas no trecho que trazemos, é feita por Bachelard (1957, p. 35):

Ela [a casa] é o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que esse fato é um valor, um grande valor ao qual voltamos em nossos devaneios.

Firmamos esse ponto de segurança da imagem da concha, a segurança primordial da intimidade. Mas não tratamos da sua outra direção formativa. Afinal, a concha é formada por um movimento em *espiral*. Pierre Quillet (1977, p. 70) é quem nos explica:

[...] a espiral se percorre em dois sentidos, um sentido expansivo e um sentido de concentração. Em termos oníricos: a *espiral-milagre* que parte para a conquista do espaço e a *espiral-misterio* onde o sonhador encontra refúgio.

O molusco desenvolve seu próprio caracol englobando uma porção de espaço que conquista, mas essa conquista não é mais do que a face externa duma estratégia defensiva que segue a curva em sentido inverso.

Bachelard notará esse duplo sentido. Tratará da imagem da concha, inclusive, na sua concepção matemática, isto é, da *espiral logarítmica*, tão cara a René Descartes, e mais especificamente a *amonite*. Segundo o francês, “[...] desde a era secundária, os moluscos construía suas conchas de acordo com as instruções da geometria transcendental. Os amonites faziam sua morada no eixo de uma espiral logarítmica” (Bachelard, 1957, p. 133). Veja-se que segundo o professor Jorge Picado (2006, p. 2)



“as conchas crescem mantendo sempre a mesma forma. Estas condicionantes juntas têm uma consequência matemática: quase todas as conchas seguem um modelo de crescimento baseado numa espiral equiangular (também chamada *espiral logarítmica*)”.

Notemos essa “lei da natureza” do que é chamado *gnómon*:

Quando o bicho que vive numa concha cresce, é necessário que a concha onde vive também cresça, para o acomodar. O facto do animal que vive na extremidade aberta da concha segregar e depositar o material novo sempre nessa extremidade, e mais rapidamente num lado que no outro, faz com que a concha cresça em espiral. O ritmo de segregação de material novo em diferentes pontos da concha presume-se que seja determinado pela anatomia do animal. Surpreendentemente, mesmo variações muito pequenas nesses ritmos pode ter efeitos tremendos na forma final da concha, o que está na origem da existência de muitos tipos diferentes de conchas (Picado, 2006, p. 1).

Entretanto, Bachelard nos alertará que enquanto a *forma* da espiral pode ser estudada pela matemática, isto é, racionalizada, a sua *formação* continuará como um mistério. O impulso nos é desconhecido, o que nos dá ainda mais *vontade de imaginar*.

Da “espiral-mistério”, como nos diz Quillet, a formação mais secreta da, o refúgio absoluto. Da espiral-milagre, a conquista heróica do espaço. Esta última, para nós, trata-se da saída da concha. Se preparamos um espaço seguro é para que possamos *regressar* a ele mais tarde. Não é para simplesmente ali ficarmos. Algo sempre nos chama do lado de fora. Sempre queremos ou precisamos de algo de fora. O mundo nos seduz para a sua exploração.

Assim, Bachelard (1957, p. 134), inspirando-se na pedagogia das conchas, inverte uma relação aparentemente básica: devemos viver para construir a nossa casa e não construir a nossa casa para viver. Que o percurso existencial forma essências, o existencialismo já argumentara muito bem. Aqui nos interessa é que a vontade de uma morada comunga com uma vontade de viver. As saídas nos levam a construir conchas. Melhoramos nossas conchas, seja contra os perigos que conhecemos, seja para as belezas.

Por essa característica dinâmica, a completude da imagem da concha nos remete para, além dos caros conceitos de Durand (trajeto antropológico) e de Piaget (assimilação e acomodação), o próprio princípio de *identidade*. O fluxo da existência, o vai-e-vem do trajeto antropológico, as saídas e os retornos, nos parece a justa dimensão



formativa de nossa identidade. A saída para o mundo, o conhecimento dos funcionamentos sociais, da geografia do mundo, da *alteridade* (para re-lembrar Lévinas), é parte constitutiva da formação de nossa subjetividade. Nos fazemos pelo outro e pelo mundo. E sem cair em quaisquer determinismos, a imagem bachelardiana da concha nos leva a pensar o regresso a essa força primária da intimidade. Dentro da concha podemos repensar o que somos, o que vimos, o que sentimos. Dentro da concha podemos sonhar novamente. Bachelard (1957, p. 34) nos ensina: “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz”.

No seio de nossos íntimos refúgios *deformamos* o mundo. Essa possibilidade imaginária de retorno é o que nos assegura sendo ainda nós mesmos. Vamos para o mundo, nos adaptamos a muitas de suas duras realidades, e mesmo assim continuamos sendo nós mesmos. Essa característica será bem trabalhada também por Jung, o qual afirmará que é a *fantasia* a dimensão responsável por nos assegurar *a crença*, em nós e no mundo, tanto hoje como ontem: “a psique cria diariamente a realidade. Só encontro uma expressão para designar essa atividade: a *fantasia*” (Jung, 1976, p. 80). Isto é, acordamos pela manhã e ainda sabemos quem somos, onde estamos e continuamos com a imensa maioria de nossos sonhos e conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como em nossas incursões no percurso de mestrado, a pesquisa em e com Bachelard se mostra sempre capaz de abrir-nos para pensar além, a *transcender*. A metafísica (*a posteriori*) da imaginação é um convite para o exercício filosófico, para uma *intensa experiência com a linguagem*. A re-leitura tanto de Bachelard como das minhas próprias escrituras sobre o filósofo apresentou outras imagens, outras relações, como a própria relação entre a formação da concha e o princípio de identidade, ou ainda o conceito durandiano de trajeto antropológico, os quais podem ser ainda ampliados em futuras pesquisas.

A obra de Bachelard apresenta ainda um potencial inquestionável para a pesquisa. O que nos leva a refletir sobre o tipo de escrita que produzimos, em qualquer área. Enquanto a abordagem fenomenológico-hermenêutica das imagens realizada por



Bachelard é capaz de sempre proporcionar amplificações, parece que abordagens reducionistas possuem o efeito inverso. A escrita do tipo representacionista, por prestar contas no tribunal da razão, para lembrar Michel Fabre, pode ser analisada, reduzida, fragmentada. O não-cartesianismo de Bachelard, por sua vez, produz imagens, possibilidades interpretativas, aberturas.

Dessa forma, a pesquisa fenomenológico-hermenêutica bachelardiana demonstra ser considerável ponto de partida formativo. A abordagem metodológica por si só já nos possibilita nos lançar em voos imaginários, em incursões íntimas consigo mesmo. Uma vez que com Bachelard colocamos a imaginação em um lugar privilegiado, as possibilidades imaginativas que essa abordagem permite, podem ser vistas como uma própria indicação pedagógica da filosofia bachelardiana. Isto é, trata-se de uma espécie de “estímulo” à imaginação. Um direito, uma permissão para que sonhemos, para que tenhamos uma *formação fantástica*. Eis, então, mais um traço que pode ser ampli(fic)ado em outros estudos.

Aqui não trata-se, é claro, de uma produção de ambiguidades, visto que o próprio filósofo francês prezava por um certo rigor científico, filosófico e acadêmico. Mas o rigor não é o que determina. Ele é parte. E as ambiguidades parecem ser cuidadosamente colocadas, não porque se quer confundir, mas por motivos simbólicos, de coerência tanto com a metodologia quanto com os próprios objetos de pesquisa. Se pode-se constatar a essencial polivalência das imagens, a filosofia das imagens deve seguir a sua indicação. Trata-se, portanto, de não reduzir os objetos aos métodos *a priori*, mas de construir estudos *com* os objetos, por meio de metodologias que sejam capazes de manter a vivacidade destes.

Sendo assim, a presente pesquisa, oriunda do meu processo de mestrado, não apresentou os mesmos resultados apresentados na dissertação. À proposta de partir daquilo que fora pesquisado e já defendido, seguiu-se o rumo de continuar amplificando o que antes fora percebido e imaginado. Permanecemos fiel, portanto, ao que defendemos metodologicamente e, assim, conseguimos ir além em nosso estudo, produzindo outras consideráveis reflexões filosóficas acerca do tema exposto, bem como outras importantes metáforas que podem ser seguidas.



A imagem da concha, como se viu, é uma *imagem pedagógica completa*. Ela é o movimento básico da formação de nossas subjetividades. Ativa o núcleo arquetípico que nos atenta tanto à necessária proteção psíquica quanto ao desenvolvimento psíquico. E do seu misterioso processo de formação, o qual é ainda *lento e continuado* – lembrando o conceito de *neotenia humana*¹³⁷ –, passando por algumas de suas nuances formativas (tal como as espirais, as saídas e os retornos), até a chegada na íntima relação da imagem com um princípio de identidade existencialista, encontramos a grande importância do estudo do tipo bachelardiano, isto é, de colocar a imaginação na germinação da constituição do ser. É esse, talvez, o objetivo mais importante no trabalho com o imaginário. Não para simplesmente “provar” convicções. Mas para atentar a essa rica possibilidade amplificadora de sentidos. Porque acreditamos que o imaginário como o museu dinâmico das imagens afetivas da humanidade pode servir a muitos outros estudos.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **La poétique de l'espace**. Paris: PUF, 1957.
- BERNARDES, S. T. de Abreu; CUNHA, V. G. R. da. Contribuições de Gaston Bachelard para pensarmos a formação docente em tempos de pandemia. **Revista Uniaraguaia**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 95-112, Abr./Ago. 2021. Disponível em: <https://sipe.uniaraguaia.edu.br/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/1048/VOL16-2-ART-09>. Acesso em: 8 jul. 2024.
- CERBONE, David. **Fenomenologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

¹³⁷Segundo Rocha Lordelo e Dias Bichara (2009, p. 338): “Neotenia significa desaceleração do crescimento e retenção de características embriológicas ou juvenis na idade adulta. [...] Primatas vivem mais e amadurecem mais lentamente do que outros mamíferos de tamanho de corpo comparável e, entre os primatas, é a espécie humana que possui o desenvolvimento mais lento”.



- FABRE, Michel. **Bachelard éducateur**. Paris: PUF, 1994.
- JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- KAFURE DA ROCHA, Gabriel. A Ecofenomenologia no imaginário da filosofia da natureza em Bachelard. **Princípios: Revista de Filosofia** (UFRN), [S. l.], v. 30, n. 61, p. 72–86, 2023. DOI: 10.21680/1983-2109.2023v30n61ID32276. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/32276>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- KAFURE DA ROCHA, Gabriel. Revisitar a casa bachelardiana: um devaneio-manifesto sobre o imaginário estético e político em um habitar latino-americano. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 16, p. 11-26, Ago. 2023. Disponível em: <https://www.uece.br/ppgfil/wp-content/uploads/sites/74/2021/02/01-1.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- KAFURE DA ROCHA, G.; TEIXEIRA FARIAS, T. Imaginário estético dos afetos em Bachelard: Aesthetic imaginary of affections in Bachelard. **Modernos & Contemporâneos - International Journal of Philosophy** [issn 2595-1211], [S. l.], v. 7, n. 16, p. 127–137, 2023. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/4855>. Acesso em: 8 jul. 2024.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Gerações 70, 1988.
- ROCHA LORDELO, E. da ; DIAS BICHARA, I . Revisitando as funções da imaturidade: uma reflexão sobre a relevância do conceito na educação infantil. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 337-354, jul./set. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3051/305123733003.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- MARANDOLA JR., E.; BATISTA, G. S. A Casa como Experiência-Limite:: Sentidos Fenomenológicos e Hermenêuticos do Habitar. **Kalagatos** , [S. l.], v. 20, n. 2, p. eK23020, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10847>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- MARANHÃO DE CONTI, D. Considerações sobre o conceito de fenomenotécnica: ciência e conhecimento objetivo em Gaston Bachelard. **Polymatheia - Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 197–210, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/8873>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- MARCONDES CÉSAR, C. A hermenêutica de Gaston Bachelard. **Horizontes**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. e021041, 2021. DOI: 10.24933/horizontes.v39i1.1239. Disponível em: <https://novoshorizontes.usf.emnuvens.com.br/horizontes/article/view/1239>. Acesso em: 8 jul. 2024.



MIRANDA, Daniel Carreiro. **A história da hermenêutica**: uma reflexão a partir do conceito de tradição. 2016. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NOGUEIRA, M. A. L. A (ex) (des) estrutura em Gilbert Durand. **Cadernos de Estudos Sociais**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1139>. Acesso em: 22 mai. 2024.

NUNES ALVES, A. C. Casa e rua: devaneios da intimidade aberta. **Kalagatos**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. eK23031, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10721>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PICADO, Jorge. A beleza matemática das conchas marinhas. **Gazeta de Matemática**, Coimbra, v. 152, p. 10-15, 2006.

QUILLET, Pierre. **Introdução ao pensamento de Bachelard**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

RODRIGUES, V. H. G. Gaston Bachelard e a sedução poética: a criação de um filosofar onírico. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 15, 2005. DOI: 10.14295/remea.v15i0.2925. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2925>. Acesso em: 22 mai. 2024.

VIEIRA, Ana Christina. **A tridimensionalidade da poética dos elementos em Gaston Bachelard**. 2009. 260 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.